

MARECHAL CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON: ALTRUÍSTA E MECENAS

Ivan Echeverria

Rio, 31 de Dezembro de 1941.

Meu caro Edorico -

Como o tempo corre! E com ele o destino dos povos.

Realiza-se o novo ano a esperança dos que sofreram as consequências da guerra que imolou o Mundo! Recorre com firmeza a todos os nossos reiterados votos de feliz Ano Novo, que desejamos também a todo M. Grosso como ao Brasil inteiro.

*



MARECHAL CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON: ALTRUÍSTA E MECENAS

MARISCAL CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON: ALTRUISTIC Y MECENAS

Ivan Echeverría

Presidente da Academia Mato-Grossense de Ciências Contábeis – AMACIC, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – IHGMT, Mestre em Educação.

E-mail: iv.echev@gmail.com)

RESUMO: Cândido Mariano da Silva Rondon teve sua história de vida contada a Esther de Viveiros, a qual pôde ser complementada com as cartas escritas de próprio punho ao seu amigo e parente Odorico Tocantins. Considerada a sucessão familiar, neste trabalho foi evidenciada a divisão da Sesmaria Morro Redondo, também conhecida por Mimoso; na localidade foi edificada a Escola Rural Santa Claudina, cujo nome foi escolhido em homenagem à mãe do Marechal Rondon, sendo por ele patrocinada com seus recursos próprios, na condição de altruísta e mecenas.

Palavras-chave: Rondon. Mimoso. Escola Rural Santa Claudina. Altruísta. Mecenas.

RESUMEN: Cândido Mariano da Silva Rondon tuvo su historia de vida contada a Esther Viveiros, quien pudo complementar con las cartas escritas con su propia mano al amigo y pariente Odorico Tocantins. Considerada la sucesión familiar, en este trabajo se muestra la división de la *Sesmaria Morro Redondo*, también conocido como Mimoso; en cuya área fue edificada la Escuela Rural Santa Claudina, cuyo nombre fue elegido en homenaje a la madre del Mariscal Rondon, siendo auspiciado por él con sus propios recursos, siempre altruista y mecenas.

Palabras clave: Rondon. Mimoso. Escuela Rural Santa Claudina. Altruista. Mecenas

INTRODUÇÃO

Ao rever o conjunto das cartas de Rondon, a opção foi para traçar uma linha do tempo para identificar as épocas das escritas de si e das escritas da história, pois sentencia Gomes (2004, p. 8) “o texto é o centro da produção literária e suas características semânticas e culturais são fundamentais à atividade de pesquisa”.

Gomes (2004, p. 11) ainda exara: “o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como escrever cartas seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno.” Aqui se explica a obra de Esther de Viveiros (1958) na qual “Rondon Conta Sua Vida” e a coletânea das cartas por ele escritas, constantes do livro “Cartas do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon: Relíquias do Telegrafista Tocantins”, (ECHEVERRIA; TOCANTINS, 2013), ora evidenciadas.

No contexto é imperioso iniciar pelas últimas palavras da obra de Echeverria e Tocantins (2013, p. 281), as três derradeiras orações exaradas em “A título de (in)conclusão”, quais sejam:

As reproduções dos conteúdos das cartas foram necessárias para buscar o verdadeiro sentido do lado humano e social do último bandeirante do século XX, o desbravador dos ignotos sertões brasileiros. Ele contornou as faldas das colinas, andou léguas e mais léguas, a cavalo; navegou nos inúmeros rios e riachos mato-grossenses, em canoas; atravessou por igarapés e cachoeiras, em rios caudalosos; abriu picadas e estradas, construiu pontes; ergueu postes, puxou fios de cobre, levou o telégrafo para mais longínquos rincões, construiu estações; pacificou inúmeras tribos indígenas e apaziguou povos sul-americanos vizinhos.

O militar, engenheiro, cientista, professor, construtor, matemático, indigenista, árbitro, escritor, historiador, geógrafo, humanitário foi louvado com muitas obras escritas sobre seu extraordinário, gigantesco e épico trabalho de campo, tanto nos rincões mato-grossenses quanto na inspeção das linhas fronteiriças brasileiras e, sob outra forma, na busca da paz com os índios do Brasil e com povos circunvizinhos; no entanto, pouco se escreveu sobre essa sua face oculta, sobre seu carisma, sobre sua sensibilidade humana. Por isso, esta obra se acha inconclusa, porém, abre caminhos para novas erudições.

Conquanto Cândido Mariano esteja definido por esses predicados e adjetivos, observa-se a ausência de altruísta e de mecenas. Altruísmo: no sentido do amor ao próximo, da filantropia; e mecenas: como patrocinador generoso. Considera-se a sua atitude, desprendimento com relação aos herdeiros da Sesmaria Morro Redondo e a aplicação de seus recursos financeiros – obtidos como prêmio pelo seu trabalho de árbitro no exterior, em Letícia – na construção da Escola Rural Santa Claudina, no Mimoso.

RONDON: ALTRUÍSTA

A Sesmaria Morro Redondo – a exemplo das demais sesmarias criadas no solo brasileiro – teve seu início pelo requerimento de terras aos capitais-generais, cujo modelo foi exportado da Coroa Portuguesa.

O trâmite da concessão era feito, conforme Siqueira (2002, p. 39):

- a) o interessado solicitava, mediante ofício, uma área de terras, alegando seus motivos pelos quais a desejava;
- b) a concessão era feita em caráter provisório, pelo capitão-general com a carta de doação de “data” de terra de sesmaria, encaminhando o pedido do colono ao rei de Portugal;
- c) a carta definitiva da sesmaria era expedida pelo rei, diante de documento elaborado pelo Conselho Ultramarino.

A Sesmaria do Morro Redondo foi obtida dessa forma e doada pelos antecessores do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, cuja propriedade foi medida judicialmente em dezembro de 1841, com área de 13.068 (treze mil e sessenta e oito) hectares, ratificada com vistoria de marcos em 6 de julho de 1893, pelos sucessores de dona Joaquina Gomes. Tem também a denominação de Mimoso, localizada no município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso (VIVEIROS, 1958, p. 23).

José Francisco Lucas Evangelista foi o proprietário da Sesmaria, vendida a Paulo Luis Barata e este, posteriormente, a dona Joaquina Gomes, sendo por sua morte partilhada aos seus filhos: João Lucas Evangelista; Anna Gomes; Joaquina Gomes, Silveria Gomes; Francisca Gomes; Thomazia Gomes; Antonia Gomes; Maria Thomazia Gomes; e Maria Francisca Gomes.

Maria Constança de Freitas e João Lucas Evangelista – herdeiro na propriedade pró-indivisa – tiveram 11 (onze) filhos, entre eles Claudina de Freitas Evangelista, casada com Cândido Mariano da Silva, genitores do filho único: Cândido Mariano da Silva Rondon.

Adentrando no precioso arquivo das Cartas de Rondon, em cuja reprodução textual foi mantida a escrita original, apresenta-se o registro da herança na Sesmaria do Morro Redondo, pela descendência de seu avô materno e, por sucessão, da sua mãe. Sobre a regularização da área obtém o concurso de seu estimado amigo telegrafista Tocantins; eis os termos da missiva tratando do registro da área:

Meu caro Odorico,

Pelo correio terrestre registrei hoje os dois certificados que requereste em Cuiabá e Santo Antonio sobre a Sesmaria do Morro Redondo, na qual tenho um pequeno quinhão como herdeiro de João Lucas Evangelista, meu Avô, por parte de minha mãe.

Os proprietários da referida Sesmaria que a fizeram medir e demarcar em 1841 eram em número de 8 como consta do Certificado de Santo Antonio. Portanto, para cada proprietário da Comuna coube em área de 1.647 hectares, considerando que a sesmaria tem a área de 13.178 hectares, a razão de uma légua de frente por três de fundo, como verificou a vistoria em 1893. É por isso, de 1.647 hectares a parte que coube, de direito, a João Lucas Evangelista, meu Avô. Quando este faleceu deixou 9 herdeiros diretos, 9 filhos, sendo a minha Mãe um deles. Si a parte de João Lucas Evangelista era de fato 1.647 hectares, segue-se que a cada herdeiro deste caberiam 183 hectares na partilha que se fizesse juridicamente. A parte que coube a minha Mãe, e, portanto, ao seu único filho, que sou eu, no Mimoso (Sesmaria do Morro Redondo) é de 183 hectares. Mas, como o terreno que de fato os Mimosos ocupam é maior que 13.178 hectares, como se verificou a vistoria de 1893, e se poderá constatar, no arquivo da antiga Relação, no processo da Ação que os Mimosos intentaram contra Prudente Gonçalves de Queiroz e outros não vale a pena modificar os 199 hectares que figuram na cobrança do imposto que me cabe pagar por parte da mencionada Sesmaria do Morro Redondo, registrada em Santo Antonio. Conviria lá registrar também a vistoria de 1893. Muito difícil será apurar os outros herdeiros do meu avô João Lucas e dos outros 7 primitivos herdeiros da Comuna; julgo impossível conseguir isto, tal a multiplicidade dos herdeiros que sucederam aos primeiros donos.

De 1841 até hoje, quatro gerações sucederam-se e multiplicaram-se. Como saber com exatidão quais são os legítimos herdeiros de Joaquina Gomes, Antonia Gomes, Manoel de Souza Neves,

Thomazia Gomes, Francisca Gomes, Silveria Gomes e Anna Gomes, no cáos que se transformou o Mimoso?

O meu caso é o único solúvel, por isso que João Lucas Evangelista é um dos 8 primeiros proprietários da Sesmaria concedida em 1801 a Antonio Francisco Teixeira Portugal, que transmitiu a outro cujo nome figura no certificado, que por via terrestre acabo de te enviar. Este segundo proprietário doou àqueles oito, constantes do registro de Santo Antonio, os quais mandaram medir a Sesmaria em 1841.[...].

Recebe com D. Alina os nossos abraços e afetuosas recomendações.

Velho parente amigo gratíssimo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 23 de maio de 1941)

Numa verdadeira aula de topografia e geografia, o engenheiro Rondon descreve sobre a citada sesmaria ao telegrafista Odorico:

[...]

A revisão foi executada tendo em vista os autos da medição e demarcação existentes no arquivo de Registro da Repartição competente de Cuiabá.

Por essa vistoria verificamos as seguintes distâncias: Do marco do môrro ao Chacruré (Chacororé) ao da Chimbuva 3 léguas; dêste ao do Arrozal 1 légua; dêste ao do Môrro Redondo 2 léguas; dêste ao da Lingua de Onça 1 légua; e finalmente, dêste no do Môrro do Chacruré 1 légua.

Essa é a descrição da medição e demarcação executadas em 1841. Essa sesmaria pertenceu ao paulista José Francisco Lucas Evangelista, que não podendo deixar aos filhos que teve com Joaquina Gomes, da Jacobina, por ser casado em São Paulo, doou a referida Sesmaria ao seu compadre Paulo Barata sob a condição de passar êste a escritura de doação á Joaquina Gomes, cujos filhos: João Lucas Evangelista, Ana Gomes, Joaquina Gomes, Silvéria Gomes, Francisca Gomes, Tomázia Gomes, Antônia Gomes, Maria Tomázia Gomes, Maria Francisca Gomes foram por morte de sua mãe, os herdeiros do Mimoso.

O polígono que foi revisado deu uma área maior de 13.068 hectares, da tal sesmaria, o que não é para admirar, dada a ineficiência técnica dos medidores de então, chamados pilotos, aliada à tendenciosa má fé dos interessados no aumento da área. Admitindo que a Sesmaria fôra demarcada com 13.068 hectares, que foi a concessão oficial, a coletoria teria que cobrar o imposto territorial correspondente àquela área o que o Coletor de “Leverger” terá que fazer. Nêste caso será preciso registrar o processo da medição de 1841, existente, como já disse, no Arquivo de Registro das medições antigas em Cuiabá, por essa hipótese, a parte que me toca no Mimoso, corresponde a 145,2 hectares, que é o quinhão correspondente a um herdeiro dos 10 que teve João Lucas Evangelista, um dos 9 filhos de José Francisco Lucas Evangelista com Joaquina Gomes, esta nascida em Jacobina, Município da antiga Vila Maria, hoje S. Luiz de Cáceres.

[...]

Esse é o histórico da origem do Mimoso, dos seus primeiros proprietários, e descendentes destes.

Faço questão de ser respeitado o direito, que todos os herdeiros de Joaquina Gomes têm pela posse secular daquele solar campestre, que é o famigerado “Mimoso”, Aquirió, nome toponímico a esse pantanal dado pelos seus primitivos habitantes, os Índios Borôro - << Chacururé>>

[...]

Nossas saudades a Dona Alina, teus Filhos, e um afetuoso abraço para ti do velho parente e amigo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 24 de Julho de 1944)

Em se tratando de condomínio indiviso, quando não se sabe a localização da parte de cada coproprietário, é impraticável a cessão parcial da propriedade como pedida pelo poder público municipal. Essa foi a conclusão do assunto.

Mas a regularização da complicada situação das terras do Mimoso, é de grande interesse de Rondon, pois é de seu conhecimento a dificuldade dos demais herdeiros em trabalhar na solução do problema, tanto mais pelo seu peculiar sentimento de amor familiar. Assim, se expressa:

Caro Odorico,

Aqui estamos abraçando-te e a Dona Alina pela entrada do Ano Novo.

[...]

Respondo tua atenciosa e amavel carta de 7 de Dezembro findo.

[...]

A intrincada questão do Mimoso, relativa á Sesmaria do “Môrro Redondo” resolveste com o teu bom senso. Nêste momento o que há a fazer é examinar na Coletoria da antiga Cidade de Santo Antônio até quando foram pagos tais impostos, calcular os atrasados com as multas da Lei e nos dizer qual a importância a pagar.

Providenciarei com o Prudente e outros herdeiros da Sesmaria êsse pagamento até exercício de 1945, por meio de um rateio amigável, refletidamente estudado. – Isso só poderá ser feito in loco, isto é, no Mimoso, mediante uma reunião dos interessados. – Para isso a minha presença será indispensável em Cuiabá e no meu eternamente querido rincão natal o incomparável Jardim da Natureza, que é o Mimoso.

A nota que o nosso amigo Sérgio enviou-me por teu intermédio explica o que se torna necessário fazer para deslindar a complicação das Famílias resultantes dos 9 herdeiros de Joaquina Gomes, a donatária do paulista José Francisco Lucas Evangelista, através do seu amigo Paulo Luiz Barata.

Na realidade, só de um dos nove herdeiros de Joaquina Gomes, o meu Avô João Lucas Evangelista posso descriminar a descendência e portanto o quinhão correspondente aos seus 10 herdeiros, sendo 7 homens e 3 mulheres.

Uma destas mulheres é minha Mãe, Claudina Lucas Evangelista. Si a cada herdeiro de Joaquina Gomes cabe o quinhão de 1.452 hectares, é claro que a cada um dos 10 herdeiros de João Lucas Evangelista caberá a área de 145,2 hectares. É o quinhão que minha Mãe teria si fôsse viva. Portanto, como sou filho único, a parte que tenho no Mimoso, é de 145 hectáres e dois décimos. Essa é a parte líquida, sem contestação, dos direitos dos 9 herdeiros de Joaquina Gomes, por parte do único filho varão que ela teve, João Lucas Evangelista.

As outras 8 herdeiras de Joaquina Gomes, devem ter tido filhos, como é natural pensar, mas de difícil discriminação hoje, com precisão e discernimento. O Mimoso é produto do entrelaçamento das diferentes Famílias resultantes dos 9 filhos que Joaquina Gomes deixou no tempo em que lá viveu, a partir de 1840. Dessas Famílias só a proveniente do meu Avô João Lucas conheço, e posso mencionar, os herdeiros, sendo a minha Mãe a única que só teve um Filho. Portanto, a solução definitiva da Sesmaria do Morro Redondo, sendo de séria complicação, não poderá ser resolvida sem minha ida á Cuiabá e portanto ao Mimoso. Exige tantas pesquisas entre os supostos herdeiros das Filhas de Joaquina Gomes, que muito que fazer darão essas pesquisas entre os atuais moradores daquela localidade.

[...]

Desculpar-me-ás tantos aborrecimentos a que submeto a tua jobiana²⁴ paciência.

Que fazer? Só tu poderás me ajudar, como o tens feito, desde que nos conhecemos.

E a minha gratidão nunca será tão grande que baste para render-te graça por graça.

Recebe, com Dona Alina, teu Sogro, meu velho amigo Manoel Leopoldino, e teus queridos Filhos os nossos renovados abraços e melhores votos de boas festas no fim de 1944 e feliz Ano Novo, na entrada do esperançoso 1945.

Velho parente e amigo, muito grato.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1945)

A sesmaria “Morro Redondo” ou “Mimoso”, pelo seu mais nobre filho, Cândido Mariano da Silva Rondon, teve atribuído o carinhoso cognome “Jardim da Natureza”. Este, por si só, expressa o belo, o magnífico! Jardim se traduz por um local cheio de plantas de exuberante beleza. Natureza se diz por uma força ativa estabelecida, conservando a ordem natural de tudo quanto existe. É poesia. Assemelha-se ao Jardim do Éden (GÊNESIS, 2-8). Estando ainda no Rio de Janeiro, escreveu:

24 O livro de Jó é o primeiro dos sapienciais integrantes da Bíblia Sagrada. Jó foi fiel a Deus e exemplo de perseverança na provação e figura do Servo Sofredor (Is. 53). Ouvistes a respeito da perseverança de Jó e conheceis o fim que lhe deu o Senhor (Tg. 5,11). A palavra “jobiana” utilizada no texto é uma metáfora ao homem temente a Deus: Jó.

Caro Odorico:

Em virtude de embaraços de serviços, aqui, penso que só de Julho em diante poderei formular minha viagem ao Mimoso.

Nessa ocasião trataremos de todos os assuntos que nos interessam particularmente, e de um modo geral, à Mato Grosso.

O meu tempo é consumido em grande parte para atender a pedidos quase diários, não só daqui do Rio, como de todos os quadrantes do Brasil.

[...]

Esta, aliás, foi sempre a minha feição, a missão que eu devia desempenhar na Sociedade: Servir a Família, a Pátria e a Humanidade. Os desprotegidos encontraram sempre apoio na boa vontade do humilde mimoseano que, por uma aberração da natureza, nunca precisou da ajuda estranha à da sua vontade de querer.

Abraço-te mil vezes agradecido.

Velho parente e amigo – Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, em 25 de março de 1945)

Cuidar do Jardim da Natureza era primordial para seu dedicado filho. No individual ou no coletivo, seus atos e diligências estavam sempre presentes. Assim, transmite notícias recebidas do Secretário de Agricultura do Estado de Mato Grosso, critica a politicagem e pede gestões para a construção de Escola Rural no seu torrão natal.

Caro Odorico,

Para teu conhecimento transcrevo telegrama do Dr. Arquimedes aqui recebido no dia 30 passado, pelo qual respondia ao meu que lhe dirigi de Rondonópolis no sentido da recondução do Prudente ao cargo de subdelegado do Mimoso:

« General Rondon - Domingos Ferreira – Copacabana – Rio – D.F.U 25 Cuiabá MT 959, 47, 30, 1215 – NOG 186 de 10, 10, 46. Comunico eminente amigo conterraneo que atendendo seu telegrama de Rondonópolis Governo baixou ato reconduzindo Sub delegado Mimoso Prudente Gonçalves Queiróz pt Queira preclaro amigo dispor do Arquimedes Pereira Lima. Sec. da Agricultura».

Logo que te seja possível peço fazer ciente daquele nosso amigo da resolução do Governo, para, que êle proceda com a necessária cautela na execução das informações policiais, afim de evitar qualquer intriga da politicagem.

Ainda bem que o Governo corrigiu a ação dos interesses eleitorais, restabelecendo os preceitos da justiça!

Ninguém no Mimoso, presentemente, se interessa mais pelo bem daquela localidade e seus habitantes do que Prudente, que é prudente em todos os seus atos.

Infelizmente Mimoso é vitima da politicagem dos cabos eleitorais vizinhos, que exploram a desunião ingênita daquele povo. Cumpre respeitar a liberdade individual de cada Cidadão.

*

Peço-te procurar o Engenheiro construtor da Empresa Bueno e em nome dizer-lhe que estou esperando a planta da Escola Rural com respectivo orçamento, que êle prometeu-me conseguir da Secretaria do Governo – para transmitir-me.

Para maior garantia da remessa, desejaria que dêle recebesses a planta com o orçamento e me enviasses por via aérea êsses papéis. – Ser-te-ei gratíssimo por mais êsse obséquio amistoso.

Com as nossas recomendações a Dona Alina, envio-te um afetuoso abraço.

Velho parente e amigo grato.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1946)

No acervo das cartas de Odorico Tocantins há uma destinada a um de seus filhos tratando de assuntos correlatos ao Mimoso:

Presado Amamel Tocantins,

Acabo de receber tua carta de 4 do corrente datada.

Por ela conclúo ser resultado do pedido que para ao teu caro Pai, a providência movida da Prefeitura de Leverger.

Infelizmente não poderei de pronto dar cumprimento à solicitação da Prefeitura em aprêço, por depender da reunião prévia dos coproprietários da Sesmaria do “Morro Redondo”.

Para isso seria indispensável que eu fosse ao Mimoso e lá convocasse todos os Chefes das Famílias mimoseanas para expor-lhes

as exigências da Prefeitura, a fim de precisar a doação que desejo fazer a parte do quinhão que me toca da partilha do meu Avô João Lucas Evangelista. Cada um dos herdeiros de Joaquina Gomes (eram 9 filhos), por morte desta teve de quinhão da Sesmaria “Morro Redondo” 1452 hectares. Portanto, o quinhão do meu Avô corresponde àquele numero de hectares.

Como êle teve 10 filhos, morrendo o primeiro sem deixar herdeiros, a sua parte de 1452 hectares terá que ser dividida pelos 9 filhos restantes. Ora, a minha mãe era um dos herdeiros: por conseguinte cabia-lhe a nona parte dos 1452 hectares, quinhão pertencente ao seu pai. E como ela só teve um filho o quinhão do seu único herdeiro corresponde á parte integral do quinhão que a ela tomaria na partilha do inventário do meu Avô João Lucas Evangelista, isto é, a nona parte dos 1452 hectares, quinhão que coube a João Lucas na partilha da Sesmaria do “Morro Redondo”, por morte da sua única proprietária Joaquina Gomes.

Nessas condições o quinhão que me cabe por lei na partilha da Sesmaria do “Môrro Redondo” (atualmente Mimoso), por parte do meu Avô João Lucas Evangelista é de 161 hectares e 33 centésimos. – Como depois da morte de Joaquina Gomes nunca houve inventário, acontece que até hoje aquele imóvel permanece indivisível, sendo os descendentes dos 9 filhos de Joaquina Gomes condôminos daquela secular propriedade. Para se resolver qualquer assunto relativo á propriedade da Sesmaria, indispensável será que todos conheçam do assunto e participem da resolução. Infelizmente me não é possível ir ao Mimoso agora. Só em Maio seria isso exeqüível.

Vou, portanto, escrever ao Prefeito de Leverger, cientificando-o da única resolução possível a tomar.

Agradeço-te e ao teu Pai o interesse que assim tomaram pelo assunto que mais me afeta neste momento, abraço-te, desejando-te um Feliz Natal, próspero Ano Novo e todas as felicidades para a tua Família no Ano da Paz e confraternização das Famílias do Ocidente e do Oriente.

Velho parente agradecido

Cândido M. S^a. Rondon.

(Carta: Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1946)

Esse conjunto de cartas escritas de próprio punho por Rondon dá-nos a certeza do seu profundo interesse na regularização das propriedades havidas por herança no Mimoso e, altruisticamente, cuida do interesse de todos os coproprietários da Sesmaria Morro Redondo.

Outro desafio demonstrado foram os pormenores depois da inauguração da Escola Santa Claudina – como se apresenta na seção seguinte – construída no Mimoso, para a qual houve dificuldades no quadro de recursos humanos.

Já de regresso ao Rio de Janeiro regozija-se com as notícias recebidas da novel Escola Rural Santa Claudina: de um lado, a liquidação dos compromissos oriundos da edificação e, de outro, o seu pleno funcionamento, atingindo aos objetivos inicialmente aventados, sempre demonstrando seu idolatrado amor ao berço natal e a sua gente:

Caro Odorico

[...]

Venho com prazer responder ás comunicações que amistosamente me tens feito de tudo que diz respeito ao Mimoso: tuas visitas e de D. Alina ás Escolas Reunidas “Santa Claudina”, recebimento do último suplemento de recursos monetários para conclusão dos pagamentos das despesas oriundas da construção da Escola, isto é, do Edifício da Escola Rural “Santa Claudina”, e outras – Ficamos satisfeitos e animados com as informações que me dás do impulso esperançoso que a Escola tomou, logo após a sua inauguração, com uma matrícula e frequência maior de 100 alunos, e a Supletiva com cerca de 50. Êsse impulso é auspicioso ao futuro daquela população campeзина, da secular Sesmaria do Mórro Redondo, atual Mimoso.

[...]

Si o César Ferreira dos Reis não puder pagar os poucos dias que passar na pensão, peço atender a essas despesas por minha conta. Correrão ainda como despesas da inauguração da Escola “Santa Claudina”.

A´Deusa, peço transmitires a minha boa Amiga tua Sogra, as minhas saudosas lembranças com os melhores votos pela sua saúde.

A´ti, Dona Alina e Filhos nossas saudades. Recebe os abraços e agradecimentos do velho parente.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1948)

Rondon, estando no Mimoso, faz alusão à visita do Inspetor na Escola Santa Claudina, dá ênfase especial ao trabalho da Diretora, professora dona Anita, e agradece ao apoio recebido da professora Alina Tocantins, esposa do seu amigo:

Caro Odorico

Recebi tua carta, que respondo, agradecendo a amistosa solicitude com que atendeste os meus pedidos.

Dona Oacy esperava Dona Alina, e todos nós a ti, supondo que viesses com o Dr. Garcia.

Tivemos a visita do Américo Brasil, que veio inspecionar a Escola. Recebeu do que viu e pôde apreciar, emocionante impressão, que experimentam todos que chegam à Escola. A Diretoria é modelar. Mimoso deve essa felicidade à Dona Alina, nossa grande Amiga.

(Carta: Mimoso, 18 de outubro de 1948)

O engenheiro José Garcia Neto executou relevante trabalho na construção da escola, ponderado o elevado grau de consideração e estima a ele dispensado pelo general Rondon, são divulgadas as palavras de agradecimento e reconhecimento proferidas a esse conceituado profissional, cujo teor enriquece esta obra. Tratando, pois, de vários assuntos relacionados sobre a Escola Rural Santa Claudina, no livro de autoria da nobre senhora Maria Lygia Borges Garcia foi encontrada, sob o título “Carta de Rondon II” uma missiva dirigida ao seu esposo. (GARCIA, 2000, p. 123-137).

Abaixo, reproduz-se o seu teor:

Em igual data de sua missiva ao Dr. Garcia, escreve para o Sr. Tocantins.

A par das ocorrências em relação à Escola Rural Santa Claudina, para não haver solução de continuidade na programação escolar, volta a solicitar o apoio da dona Alina, esposa do seu amigo, no sentido de conseguir uma Professora Normalista para manter uma escola excelência no Mimoso, com docentes e diretores formados, garantindo, nessa medida, uma educação aprimorada para seus conterrâneos:

Caro Odorico

[...]

Volto a pedir a Dona Alina a sua influência prestigiosa para conseguirmos Professora Normalista para a nossa Escola, presentemente em má situação. É possível que a Professora licenciada D. Benedita, não queira voltar ao Mimoso. Não sei em que caráter foi nomeada a que lhe vai suceder, si provisoriamente ou definitivamente.

[...]

Peço-te comprares uma caixa de querozêne e os ingredientes de limpeza dos ladrilhos do Recreio Coberto da Escola e mandar á Diretora, em meu nome. É o meu presente para a Escola se manter como foi inaugurada.

[...]

A Deusa, peço transmitires a minha boa Amiga tua Sogra, as minhas saudosas lembranças com os melhores votos pela sua saúde.

A ti, Dona Alina e Filhos nossas saudades. Recebe os abraços e agradecimentos do velho parente.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 30 de maio de 1949)

A busca pela excelência é evocada uma vez mais por Rondon, tratando das finanças e requestando os préstimos de D. Alina Tocantins:

Caro Odorico

Cuiabá

[...]

Escrevo-te nas antevésperas da tua partida para esta Capital. Com o intuito de combinarmos tudo que ainda tenho a fazer por teu intermédio, ao “Mimoso” e ao “Negro D’Água”.

Ao Mimoso são pagamentos a fazer para a completa conclusão de montagem da Escola “Santa Claudina”: Pagamento dos bancos carteiras; da lona e acessórios para as entradas abertas do “Recreio Coberto” da mesma, salários do pedreiro e material adquirido para a construção do marco da placa de bronze, que será instalado no “Recreio Descoberto” da Escola. Além dessas despesas outras haverá com montagem dos aparelhos de ginástica e com a volta do César que está executando essa montagem.

[...]

Far-me-ás o favor de comunicar-me, depois de pago tudo, a importância que devo remeter para atenderes a todas essas despesas, afim de eu providenciar a remessa do necessário cheque.

Por tudo confesso-me infinitamente agradecido.

[...]

D. Alina poderia nos ajudar conseguindo uma digna professora para a esperançosa Escola.

Recebe com D. Alina e minha Amiga sua sogra as nossas afetuosas recomendações – Velho parente.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 25 de junho de 1949)

A preocupação de Rondon com o corpo docente é evidenciada, porquanto é indispensável para o bom funcionamento da escola; pede importantes gestões com vistas a evitar problemas futuros:

Caro Odorico

Cuiabá, 2 de outubro de 1949

Peço a D. Alina não se esquecer da professora para a Escola Supletiva do Mimoso, agora que o Tenente Euclides não poderá estar todo o dia junto a sua Esposa no Mimoso. Era êle que ajudava a Diretora da Escola, nas aulas noturnas dos adultos.

Vou me dirigir ao Sr. Governador solicitar-lhe a nomeação da Professora. Até hoje Supletiva tem funcionado com acúmulo de serviço das Escolas Reunidas.

Muito grato sou por tudo que vocês me ajudam no Mimoso – Nossas recomendações a D. Alina e sua veneranda mãe. Um abraço a Amedina pelo que ela fez ao Jaurú. Para ti um longo abraço do velho parente agradecido.

Cândido Mariano.

(Carta do Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1949)

No lapso de uma semana, conquanto nada tenha sido resolvido relativamente à nomeação de uma professora auxiliar, nova solicitação é feita buscando apoio da família Tocantins para o assunto:

Caro Odorico

Venho agradecer-te o grande favor de que me déste conhecimento pelo telegrama ontem recebido.

[...]

Reitero o pedido feito a Dona Alina, a respeito da Normalista para a Supletiva do Mimoso, muito grato a ela pôr mais êsse favor, e a sua veneranda mãe, envio as minhas cordiais saudações.

Velho parente, amigo muito grato.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1949)

Surge outro problema funcional: o desligamento da diretora da escola. Agradecido, ressalta com carinho a prestimosa colaboração da professora Anita, a qual durante quatro anos dirigiu a escola prestando significativos serviços à educação e instrução dos jovens da Sesmaria Morro Redondo:

Caro Odorico

Tenho em mãos a tua carta de 21 próximo passado.

Tomei conhecimento dos dizeres nela contidos, agradecendo-te de todo coração o auxílio que assim me prestaste.

Acabei de receber a carta de D. Catarina de Figueiredo Silva, Diretora das Escolas Reunidas “Santa Claudina” em que me comunica a resolução de se exonerar do encargo de Diretora daquelas Escolas Reunidas, para poder dirigir a educação das suas Filhas pessoalmente, uma vez que não é possível fazê-la de longe.

As razões apresentadas sendo justas, nada tenho que ponderar, sinão agradecer o bem que proporcionou aos Filhos do Mimoso nos 4 anos que dirigiu com proficiência a educação e instrução dos jovens Mimoseanos.

Foi um golpe profundo dado na Instituição que criei para perpetuar o Amor que consagro áquele meu Torrão Natal.

Como infelizmente, nada posso fazer para devolver a resolução da Diretora, venho apelar para Dona Alina e Você me ajudarem a reparar o mal causado pela justa resolução de Dona Anita.

Peço particularmente á Dona Alina descobrir uma nova Normalista, capaz de substituir Dona Anita, que exerceu a função

com correção, dignidade e competência, durante os 4 anos de existência das Escolas Reunidas do Mimoso.

Estarei em Cuiabá em Julho vindouro para inaugurar nas Escolas Reunidas, a luz elétrica que não pude fazer êste ano, em virtude do desastre que sofri nos primeiros dias de Agosto e do qual estou até agora sofrendo as consequências.

Só Você e Dona Alina serão capazes de salvar o Mimoso neste momento, que sofro as consequências da justa resolução da digna Diretora daquelas Escolas.

Conto com a boa vontade de Dona Alina para salvar a situação do Mimoso e aliviar-me do remorso que está me causando aquele acontecimento.

É verdade que a Escola é estabelecida na Roça, mas é certo que o conforto que o Edifício proporciona á Diretora é maior do que se encontra nas Escolas comuns das cidades.

Apelo para Dona Alina e para si, ajudem-me a salvar o que foi feito com tanto sacrifício e amor.

Contando com o interesse que Vocês têm por nosso Mato Grosso, aguardo confiante, a solução que solicito com infinito interesse.

Velho parente e amigo

Cândido M. S^a. Rondon

(Carta: Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1951)

Ao acrescentar um *postscriptum*, no dia 28, dentre outros assuntos, em especial o interesse de autoridades estrangeiras manifestando o desejo de visitar o Mimoso, evidencia o problema da saída da diretora da escola:

P.S. 28 Dezembro 1951

Acabo de receber a comunicação do CNPI que o Embaixador da Turquia e o Ministro do Panamá desejam visitar o Mimoso para apreciarem o panorama daquele pantanal.

Diante da resolução de Dona Anita de se exonerar da Diretoria da Escola do Mimoso, não sei como agir.

Para que a visita agradasse aos Diplomatas seria conveniente que a Escola estivesse funcionando normalmente com a sua Diretoria primitiva.

A retirada de Dona Anita no próximo ano causará perturbação na administração e irregularidades nas aulas.

Sou por isso forçado a pedir a Dona Anita só se retirar depois da visita daqueles Diplomatas.

Não sei entretanto, si conseguirei da nossa amiga o favor que lhe vou solicitar. Seja como fôr, porém é de toda urgência a tentativa de Vocês para conseguir a Normalista que será a futura Diretora das Escolas Reunidas “Santa Claudina”.

Apelei para Dona Anita aguardando sua resposta para poder me atender com aqueles Diplomatas e com o senhor Governador.
Ro.

(Carta: Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1951)

Rondon preocupava-se com a nomeação da nova diretora para a Escola Rural Santa Claudina, pois a busca era por uma normalista com conhecimentos didáticos, pedagógicos e administrativos:

Caro Odorico

Recebi tua carta de 8 do corrente, que respondo.

Quanto a substituição de D. Anita, compreendo a dificuldade que vocês têm encontrado para conseguir a Normalista que queira aceitar a Diretoria das Escolas Reunidas do Mimoso. Não convém que seja nomeada uma Professora leiga para êsse alto cargo. Por isso, insisto, em nome da população do Mimoso, para que não deixem de insistir na procura da Normalista desejável.

Como Dona Alina conhece o professorado de Cuiabá, é possível que ela consiga o que todos desejamos e exige a Departamento de Educação e Cultura.

[...]

Adeus, até Março. Recebam os abraços e agradecimentos do velho parente gratissimo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1952)

O amor de Rondon pelo seu povo mimoseano é imenso. Quando recebe informação da continuidade da diretora professora Anita na escola, embora provisoriamente, tem um grande alívio, mas preocupava-se com a situação da escola, agravada com a anunciada visita do governador de Mato Grosso, Dr. Fernando Corrêa da Costa:

Caro Odorico

Respondo tua carta de 23 do mês passado.

Tenho a dizer-te e á Dona Alina que o assunto principal dessa tua missiva causou-me profunda preocupação pelo Mimoso. Pois, as Escolas Reunidas não poderão funcionar devidamente sem a direção de uma Normalista, pela qual continuo a insistir. Em virtude da declaração de Vocês, de não terem podido encontrar que pudesse substituir Dona Anita, como Normalista, fui levado a pensar no recurso extremo, apelando para o Secretário do Interior designar a Professora indispensável.

Não sei si poderei conseguir resposta positiva. Aguardo todavia com certa esperança a solução oficial.

O nome indicado por Vocês não pode satisfazer ás exigências do cargo, visto tratar-se de pessoa de insuficiência para o desempenho administrativo e cultural da função em apreço. Contudo não me desanimei. Ainda tenho esperança em Dona Alina, que tão boas relações tem com as Professoras Públicas do Estado.

Está assim ameaçado de cair por terra tudo quanto projetei para o Mimoso!

[...]

Como Dona Anita resolveu aguardar a visita do Senhor Governador do Estado ao Mimoso, em virtude de pedido que lhe fizera, ela terá de continuar à testa da Diretoria até a realização da supra citada visita.

Nessas condições, a Escola terá de ser aberta em Março ainda pela Dona Anita, pelo quê peço-te providenciar entrega ao Tenente Euclides de material que êle solicitar para reabertura das aulas daquela Escola, isto é, uma caixa de querozene Jacaré, todos os ingredientes necessários a limpeza de assoalho das salas das aulas, e qualquer outra necessidade indispensável. [...]

Recebam meus afetuosos abraços, e transmita a Amedina os meus sinceros agradecimentos pelos esforços empregados em me servir. Velho parente gratíssimo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1952)

Novo diretor para substituir a atual diretora foi selecionado, mas diante da próxima visita do governador Fernando Corrêa da Costa, sua nomeação foi postergada:

Caro Odorico

Não tive oportunidade de esclarecer a Dona Alina sobre a situação da Escola do Mimoso, com a transferência da minha viagem para Setembro, por não poder se realizar em Julho, que é o mês de férias das Escolas Públicas. Como o Senhor Governador deseja ir ao Mimoso quando lá fôr, não poderá Dona Ana Catarina se exonerar de Diretora, antes da visita do Dr. Fernando, porque só ela é que poderá explicar ao Governador a situação da Escola e dos alunos no sentido do Governador e o Secretário do Interior poderem ter uma idéia precisa da Escola e dos alunos. Daí a razão de não se poder fazer desde já a nomeação do Sr. Oliveiros Gonçalves de Queiróz para substituir a Dona Ana Catarina. A sua nomeação só poderá ser feita quando a atual Diretora das Escolas Reunidas “Santa Claudina” apresentar o seu pedido de exoneração e fôr êsse pedido atendido.

Por isso peço a Dona Alina se entender com o Sr. Oliveiros para que êle aguarde a minha chegada aí para os necessários efeitos da sua nomeação.

Antes de 7 de Setembro não poderei sair do Rio, de modo que não haverá outro meio sinão aguardar a minha viagem á Cuiabá, que se efetuará logo após essa data.

[...]

Velho parente e amigo gratíssimo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 11 de junho de 1952)

O sentimento de responsabilidade e sinceridade do General Rondon é demonstrado em seus atos, desta vez quando se dirige à professora, diz-lhe da impossibilidade de sua ausência em virtude da visita do Dr. Fernando à Escola Rural Santa Claudina:

Caro Odorico

Recebi tua carta de 1º do corrente. Tomei conhecimento dos assuntos nela contidos para providenciar de acordo com os interesses de cada caso. Acabo de escrever a Dona Anita declarando-

-lhe que ela não poderá deixar de estar presente na Escola por ocasião da visita do Senhor Governador do Estado. A licença que ela deseja solicitar só poderá se efetuar depois daquela visita. Demais, não sei si ela conseguirá obter o que imagina, o desdobramento da sua classe para que possam ser nomeados Professores, o Oliveiros e sua Esposa.

[...]

Adeus, recomendo-me a Dona Alina, à minha boa amiga Dona Candinha, ao Aecim e aos demais filhos.

Saudoso abraço do velho parente agradecido.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1952)

O Secretário do Interior e Justiça do Estado de Mato Grosso, Dr. Demósthene Martins encontrava-se no Rio de Janeiro e pôde o general Rondon encontrar-se com ele e diligenciar gestões no sentido de procurar resolver o caso da diretoria da escola rural. Pediu para seus amigos em Cuiabá, senhor Odorico e dona Alina, acompanharem o assunto:

Caro Odorico

Recebi hoje o teu Telegrama [...].

O Dr. Demostenes Martins partirá amanhã para Cuiabá. Com êle combinei tudo que Dona Alina havia ajustado com Oliveiros e sua Senhora. Está de pleno acôrdo com o que ficou ajustado. Prometeu de, ao chegar em Cuiabá, se entender com o Diretor de Educação e Cultura a respeito. Será conveniente que Dona Alina, acompanhada por ti, converse a respeito com Dr. Demostenes, a quem pedirás também sua atenção para o caso.

Seremos felizes si tudo pudermos conseguir.

Adeus - Minhas homenagens à minha boa amiga Dona Candinha e saudosos abraços para ti e Dona Alina.

Velho parente amigo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1952)

Não se obteve pessoa capacitada para substituir a atual diretora da escola de balde todas as gestões. A procura era contínua. É mani-

festo o carinho demonstrado por Rondon pelo seu povo e porque não dizer pela escola por ele construída:

Caro Odorico

[...]

A Escola do Mimoso deve estar com exames dos alunos para entrar em férias em Dezembro próximo. Preocupa-me a situação em que a Escola cairá com a retirada de Dona Anita. Infelizmente até hoje não conseguimos descobrir a necessária substituta da Diretora.

Peço a Dona Alina conhecedora do meio pedagógico cuiabano, continuar a tentar descobrir uma Normalista que queira exercer a função de Diretora da Escola do Mimoso.

Dona Alina com Dona Anita, talvez consiga resolver o caso que tanto me preocupa.

[...]

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1952)

Continuam as dificuldades em designar uma nova diretora e professora para a escola; contudo, o senhor Odorico escreve dizendo continuar a procura de pessoa qualificada para o mister:

Prezado amigo e parente

Snr. General Rondon.

Av. Copacabana, Rio

Saudações

Resposta sua carta de 19 de Novembro:

[...]

Normalista para o Mimoso: fico ciente de ter a D. Anita voltado a insistir pela a sua retirada da escola.

Continuamos a procurar uma normalista que queira ir para o Mimoso e não a encontramos, tornando-se agora mais difícil com a dependência que ora surge, de ser ou não aceita pelo pessoal do Mimoso, como no caso do Oliveiros.

Quando o Tte. Euclides tratou da anulação do indicado Snr. Oliveiros, fiz sentir a dificuldade que iríamos encontrar para

conseguirmos outro, e ele me declarou que não seria difícil, e que êle não só encontraria substituto para Diretor, como também para uma professora.

Agora penso que ele deve fazer a indicação, uma vez que achou tão fácil o que para nos tem sido tão difícil.

Até hoje felizmente, nada encontramos que desabonasse o Oliveiros, não querendo, dizer que insistimos pela sua indicação que ficou queimada.

Peço aceitar os melhores votos de felicidades – pelo Natal, e no decorrer do próximo ano. Saudosos abraços do parente e amigo.

Odorico S. Tocantins.

(Carta: Cuiabá, 13 de dezembro de 1952)

Foi escolhida a professora normalista Ana da Costa Moraes para substituir a professora Anita:

Caro Odorico

Agradecemos e penhoradamente retribuimos as saudações e votos de Feliz e Próspero Ano Novo.

Comunicou-me Dona Ana Catarina ter conseguido uma Normalista para substituí-la, e que, a respeito se entendeu contigo e Dona Alina.

Foi uma grande providência para o Mimoso e felicidade para ela, que assim poderá realizar o seu projeto de se recolher à casa para acompanhar a instrução das Filhas.

Peço a Dona Alina, em meu nome, agradecer à Normalista que é a professora Dona Ana da Costa Moraes, a boa vontade em que ela aceitou o convite de Dona Anita.

Em meu nome e de todo Mimoso os nossos mais profundos reconhecimentos.

[...]

Velho parente e amigo gratíssimo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1953)

Novas gestões são feitas para a nomeação da nova diretora da Escola Rural Santa Claudina. O General insiste nas providências junto ao Secretário, Dr. Demóstenes Martins, pois a maior preocupação de Rondon era para as aulas começarem no novo período escolar com a diretora nomeada. Ele, ainda, recomenda para a posse ser solene, inclusive com a presença do Prefeito Municipal de Santo Antônio do Leverger:

Caro Odorico

Venho apelar para a tua constante boa vontade em colaborar pelo progresso do Mimoso. É chegado o momento de pensarmos na nomeação da nova Diretora das Escolas Reunidas as “Santa Claudina”, que terá de substituir Dona Ana Catarina em princípio de Março por ocasião da abertura das aulas daquela Escola.

Peço-te então para com Dona Alina procurar o Dr. Demostenes Martins afim de se efetuar no começo da segunda quinzena do mês corrente a necessária nomeação de Dona Ana da Costa Moraes. Será necessário, desde já, preveni-la para se preparar, afim de seguir ao Mimoso com Dona Ana Catarina, para no dia 1º de Março ela tomar posse do cargo que lhe transmitirá Dona Ana Catarina, com a solenidade conveniente, e assistência de todas as Famílias do Mimoso e Autoridades do Município de Santo Antônio de Leverger.

Confio na tua proverbial boa vontade para que possamos dar ao Mimoso a garantia do seu progresso.

O Dr. Demostenes terá de se entender com o secretário do Interior para os necessários fins.

Agradecendo-te e a Dona Alina mais esse importante serviço.

Abraço-lhes afetuosamente. Velho parente e amigo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1953.)

Sempre preocupado, o general Rondon pede informações sobre a Escola e alegra-se com a notícia de o tenente Euclides continuar ministrando educação física para os alunos e não deixar a presidência do Clube Agrícola:

Caro Odorico

Acabo de receber tua carta de 10 do corrente.

[...]

Até agora nenhuma notícia tive do Mimoso a respeito da reabertura da Escola e posse da nova Diretora. O Tenente Euclides me comunicara há poucos dias que seguirá para lá com o Sr. Prefeito. Oxalá seja a nova Diretora digna substituta de Dona Ana Catarina. Tenente Euclides prometeu continuar como Presidente do Clube Agrícola, de continuar assim como chefe da Educação física dos alunos, e se encarregar espontaneamente do serviço externo do Moínho do Vento.

Envio a minha amiga, mãe de Dona Alina minhas saudosas recomendações e melhores votos pelo seu completo restabelecimento. Á Dona Alina afetuosas recomendações. A todos teus caros Filhos saudade.

Abraços do velho parente gratíssimo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 15 de março de 1953)

Todas essas gestões foram atos de altruísmo do Patrono da Escola Santa Claudina, a qual foi construída exclusivamente para atender ao povo mimoseano.

RONDON: MECENAS

Tenho o maior empenho em consolidar a obra em que a maior valia está na construção, que foi conseguida pelo impulso do Amor, para bem servir uma população de pobres camponeses, agropecuários, do Pantanal do Mimoso, secularmente “Sesmaria do Morro Redondo. (RONDON, Carta de 30 de maio de 1949)

Diante da legislação vigente, presente o Decreto-lei 8.529, de 2 de janeiro de 1946, a Lei Orgânica do Ensino Primário (ROMANELLI, 2000) definindo a estrutura do ensino primário, apoiando-se na Carta Magna de 18 de setembro de 1946, ao estabelecer a competência da União legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional. e ao Estado e aos Municípios a organização de seu sistema de ensino. Existiam ainda as escolas isoladas, as escolas rurais, as escolas reunidas e os grupos escolares. (HERKENHOFF, 1989)

Nesse contexto educacional Mato Grosso, conforme o Decreto-Lei nº 8.530/1946, criou duas escolas de Curso Normal com a fina-

lidade precípua de preparar professores presente uma nova filosofia para o sistema do ensino primário (SÁ; SIQUEIRA, 2006).

Então, sopesado nos termos da legislação tornou-se factível a instalação de um prédio escolar, pois um homem preocupado em oferecer educação aos seus conterrâneos, além de idealista, possuía clarividência e era também partícipe dos construtores da nação. Na carta, a seguir transcrita, endereçada ao telegrafista Tocantins, inicia-se o projeto da Escola Rural do Mimoso:

Caro Odorico

A quanto tempo não nos correspondemos por carta? Retomo essa correspondência para te prevenir que espero partir para o Mimoso no princípio de Julho próximo. Desta vez terei de me demorar em Cuiabá algum tempo para me entender com o Governador e seu Secretário de Educação no intuito de saber como proceder para conseguir realizar meu velho projeto de construir uma casa para a Escola Rural do Mimoso, que desejo doar ao Município a que pertence.

Tenho tenção de ir de avião até Campo Grande [...]

Para a realização dessa viagem almejaria conseguir nova ajuda do teu genro, que transportou o ano passado no seu caminhão a gasolina da caminhonete, distribuindo-a pelos pontos do nosso itinerário para Cuiabá. [...]

Peço-te consultá-lo e me transmitir em carta com a brevidade que poderes.

[...]

Gratíssimo pela urgência da informação que poderes me enviar a respeito, abraço-te e á D. Alina, com o meu até breve.

Velho parente amigo, gratíssimo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 4 de junho de 1947)

O engenheiro José Garcia Neto iniciou a construção da Escola Rural localizada no Mimoso. O grande projeto de Rondon começa a desabrochar; os recursos financeiros seriam por ele fornecidos, e objeto de sua conforme expediente endereçado ao senhor Odorico:

Pelo teu telegrama de anteontem 27 fiquei ciente que recebeste os Cr\$ 100.000.00 [Cem mil cruzeiros] que por intermédio do Banco Almeida Magalhães enviei a agência do Banbrasil a tua disposição para atenderes às despesas da construção da casa da Escola do Mimoso.

[...]

O Dr. Garcia irá sacando por teu intermédio as importâncias que forem sendo necessárias para pagamento das despesas que tiver de atender. Uma dessas despesas se refere à compra de mantimentos precisos para a cozinha dos operários da construção, isto é, para pedreiros, carpinteiros, serventes, etc. Esse serviço esta a cargo do Pedrão. Sua mulher auxiliada pela prima Eulália se encarregará de fornecer comida aos operários.

Mensalmente o Engenheiro construtor, Dr. Garcia Netto requisitará o numerário necessário para os pagamentos a seu cargo.

[...]

Por hoje lhes enviamos saudades e abraços. Até breve.

Velho parente amigo – Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1947).

Deve ser ressaltada a nobreza do Dr. José Garcia Neto por abdicar de quaisquer pagamentos pela prestação dos seus magníficos trabalhos profissionais, atitude essa a comover profundamente o general Rondon (ECHEVERRIA; TOCANTINS, 2013, p. 62).

Merecem destaque as dificuldades encontradas por este engenheiro para a construção física da escola, pois a localidade, situada em zona rural, não possuía estabelecimentos comerciais na área da construção civil, os quais eram remetidos de Cuiabá pelas estradas de terra até o Mimoso. Havia dificuldade também quanto à mão-de-obra, porquanto peões não eram pedreiros para levantar as paredes, nem carpinteiros para assentarem os telhados. A dificuldade para o fornecimento da alimentação dos trabalhadores foi outro aspecto de destaque por não haver restaurante ou pensão na localidade, fato contornado pelas gestões do administrador da obra.

A satisfação pelo andamento dos trabalhos de construção da Escola Rural do Mimoso é manifestada por Rondon, quando resalta a preciosa colaboração do Dr. Garcia, cuja atuação altamente meritória foi decisiva para a realização do ideal do general:

Fico satisfeito pelas boas informações que me dás do Mimoso. A tua visita com D. Alina terá despertado nas famílias Mimosianas alegria natural.

Estou entusiasmado com a direção do Dr. Garcia na construção da casa da Escola mais que a sua competência técnica, aprecio a sua dedicação pela causa social que representa o futuro do Escola Rural que preparamos para a juventude mimosiana atual e às futuras gerações que sucederão. A sua colaboração nêsse sentido é para mim preciosíssima.

Venho apreciando o empenho que tem demonstrado pela economia da construção, manifestado desde o começo em que no Mimoso contratou as empreitadas dos trabalhos preliminares. E agora, ao iniciarem os pedreiros os trabalhos respectivos, solucionou com habilidade a complicada questão de alimentação do pessoal contratando a bóia dos operários com o Joaquim Evangelista, serviço que eu havia pensado conferir ao Pedrão, isto é, à sua mulher que seria auxiliada pela minha prima Eulália. Para que o Pedrão pudesse dar conta dessa incumbência sem sacrificio da indispensável economia, isto é, sem esbanjamento, seria necessário que Prudente fornecesse diariamente à cozinha do Pedrão, as rações dos mantimentos como se procede nos Quartéis, nos ranchos das praças. Ora, isso daria ao Prudente um trabalho insano.

O Dr. Garcia resolveu o problema com habilidade de administrador. [...]

Gratíssimo por tudo, abraça-te saudosamente o velho parente.
Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1947)

A construção da Escola Rural tem seu andamento dentro do cronograma e previsão orçamentária, notadamente com o apoio do engenheiro responsável pela edificação da escola, cuja construção começa a tomar forma:

Recebi com datas de 15 e 16 do corrente as contas correntes respectivamente de despesas minhas e das correspondentes á construção da casa da Escola do Mimoso [...].

Sou muito grato á preciosa colaboração com que concorres para a realização dos meus sonhos filiais. O Dr. Garcia nêsse sentido

tem sido inexecutável. Ele não só fiscaliza a realização da obra, como cuida da economia para que a construção se faça dentro do orçamento apresentado.

Estou me preparando para seguir ao Mimoso dentro da primeira semana do próximo mês. [...]

Até esse dia, te enviamos e a Dona Alina saudosas recomendações. – Velho parente gratíssimo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1947)

Olhando para a educação e para a cultura de seu povo mimoseano, o altruísta Rondon se preocupou, então, em construir uma escola na zona rural. Eis tratativas sobre os recursos financeiros para erigir as instalações físicas. O engenheiro Garcia Neto esteve no Rio de Janeiro, oportunidade de solucionar assuntos relativos aos seus trabalhos:

Caro Odorico,

[...]

Antes da chegada daquele nosso Amigo recebi teu telegrama informando-me do extravio da carta que havia dirigido ao Prudente, solicitando cópia da mesma. Acabei de escrever a êste nosso amigo do Mimoso, repetindo-lhe o que comunicava na carta extraviada.

A vinda aqui do Dr. Garcia foi uma providência. – Com êle estou combinando tudo que fôr necessário para conclusão das obras do Mimoso. A respeito de fundos requisitados pelo Dr. Garcia, necessários á conclusão das obras do Mimoso já me entendi pessoalmente com êle. – Esses fundos serão remetidos em princípio do próximo mês, como fizera diretamente da Agência do Banco do Brasil a tua disposição.

O Dr. Garcia permanecerá ainda aqui esta semana. – Só regressará na derradeira semana dêste mês, para ir ao Mimoso logo que lhe seja possível depois da sua chegada a Cuiabá.

*

Já havia tratado com o Dr. Garcia da impropriedade da época marcada para inauguração da Escola, com o campo ainda completamente alagado, além da possibilidade de impedimento de

transporte na baía do Chacororé. Vou pensar melhor sôbre esse assunto para resolver em definitivo quando chegar no próximo mês ao Mimoso.

[...]

Abraços do velho parente e amigo.

Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1948)

O Regulamento da Instrução Pública Primária de 1927, como evidenciado linhas atrás, caracterizava o ensino primário público em: grupos escolares, escolas isoladas urbanas, escolas isoladas rurais e escolas reunidas.

Conhecedor dessa situação, Rondon antes de concluir a edificação da escola já demonstrava a preocupação pelo seu perfeito funcionamento, conforme se verifica na carta abaixo reproduzida. Desta feita, classifica-a como escola reunida, cuja definição previa o artigo 19, do Regulamento de 1927, a saber: “Quando, num raio de dois quilômetros, funcionarem três ou mais escolas, com freqüência total mínima de 80 (oitenta) alunos, o governo poderá reuni-las em um só estabelecimento, que receberá a denominação de ‘Escolas Reunidas’”. Acrescenta o artigo 20: “As escolas reunidas terão o máximo de sete classes e não poderão funcionar com menos de três” (SÁ; SIQUEIRA, 2006, p. 62).

Para a excelência da escola, a escolha de uma professora normalista para dirigi-la constituía séria preocupação do general:

Caro Odorico,

Escrevo-te e a Dona Alina pedindo a ambos se interessar na descoberta de um casal de normalistas para Professores da Escola Reunida “Santa Claudina” a se inaugurar brevemente no Mimoso, como Vocês sabem.

Si não fôr possível conseguir o casal de normalistas, já nos atenderia pelo menos só a Normalista. O que é indispensável é que a Professora seja diplomada. O Sr. Governador é que teve a idéia da Escola Reunida, com intuito de garantir a permanência da professora na efetividade da Escola. Si não fôr possível conseguiremos o casal de Normalistas, não haverá outra solução sinão a de uma simples Escola comum para ser regida por uma Normalista, convindo nêste caso que seja ela casada.

Seja como fôr, peço a Dona Alina empregar todo o seu prestígio de Professora conceituada na Sociedade cuiabana, a ver si me ajuda na solução do urgente problema que ora nos assoberba, diante da responsabilidade que tomei pela criação e inauguração da Escola do Mimoso.

O edifício da Escola será modular. Com todos os recursos modernos de que será dotada virá a ser o modelador das Escolas Rurais de Mato Grosso.

*

Não poderei partir neste mês, como te avisei. Só no primeiro avião da FAB do próximo Abril será possível a minha viagem. Neste caso, ela se realizará no dia 7 vindouro.

Avisarei previamente.

Com as nossas recomendações, abraçamos os caros amigos.

Velho parente agradecido – Cândido Mariano.

(Carta: Rio de Janeiro, 16 de março de 1948)

O espírito detalhista de Rondon se expressa; ele foi ao Mimoso para, pessoalmente, participar da alegria dos trabalhos da construção da escola:

Pelo mestre Carpinteiro Metelo que concluiu o serviço nas obras da Escola Santa Claudina, envio a minha correspondência. Peço-te o favor de encaminhá-la aos destinos. Juntamente mando a minha lanterna elétrica cuja lampadazinha queimou. Peço providenciar a substituição. Para isso envio as respectivas minhas que estão perfeitas. Servirão para experiência. Fará o obséquio de me devolver pelo Dr. Garcia quando vier. Todos daqui te mandam saudades e a D. Alina, esperando a visita dos bons amigos. Abraços do velho parente.

Cândido Mariano

(Carta: Mimoso, 19 de abril de 1948)

O sonho filial idealizado chega perto de sua concretização total: a inauguração da escola rural Santa Claudina. Sua carta de 24 de abril de 1948, escrita no Mimoso, bem demonstra a preocupação com o ato. Durante longo tempo permanece naquela localidade participando e alegrando-se com as providências finais para inauguração da escola.

Cidadão organizado e detalhista, o general Rondon preocupava-se com os pormenores do evento. Admirável o seu espírito minucioso:

[...]

As obras marcham em remate e vão avançando dando-me a esperança de podermos inaugurar a Escola no dia 13 de Junho, data histórica de grande significação para o Brasil e para Mato Grosso principalmente.

Espero ir á Cuiabá em princípio de Junho para vir com o Governador inaugurar a Escola. Nestas condições não será preciso mandar-me pelo Garcia a mala armário, como te havia pedido no último bilhete.

Preciso sim que me mandes por êle além das cousas já pedidas mais o seguinte: 2 latas de aveia, 5 quilos de café, 2 de mate, 1 galão de querozene, 5 litros de farinha de milho, além do pão, torrada e rosca, pedidos anteriormente.

Estamos pensando no embarço em que ficaremos para hospedar tanta gente. O banquete não poderá deixar de ser um churrasco, à moda pastoril. Mesmo assim precisaremos de espaço, que a Escola não tem. Seremos forçados a oferecer o churrasco na mesma casa em que recebemos o Ministro da Agricultura, Dr. Fernando Costa e o Governador Dr. Arnaldo de Figueiredo, a casa do Sabino.

Para tudo isso precisaremos de louça, toalhas, guardanapos, etc. etc. Como haver tudo isso? Dona Oacy precisa do conselho e auxílio indispensáveis de Dona Alina. Apelamos para ela e para ti.

Aguardamos a resposta de ambos. [...]

Com as nossas recomendações recebam os abraços do velho parente amigo.

Cândido Mariano.

(Carta: Mimoso, 24 de abril de 1948)

O general se desloca para o Mimoso sessenta dias antes da inauguração e pessoalmente coordena as últimas providências.

Comunica a conclusão do edifício da escola:

Caro Odorico

[...].

O Dr. Garcia regressa hoje para voltar na semana vindoura. O serviço geral da construção do Edifício está concluído. Faltam os complementos externos, trabalhos que estão atrasados. O

peior de tudo é a demora da chegada do mobiliário da Escola. A inauguração depende dêsse mobiliário.

O Dr. Garcia comunicou-me haver necessidade de novo suplemento de verba para conclusão da Obra do Mimoso.

[...]

Só poderei seguir para aí no dia 1º de Junho.

[...]

Contamos com o valioso auxílio de Dona Alina para ajudar Dona Oacy, que sózinha não dará conta da responsabilidade de uma recepção oficial de certa monta. Adeus – Até breve. Recebam meus abraços e transmitas à tua nobre sogra as minhas saudosas e recomendações. Velho parente.

Cândido Mariano.

(Carta: Mimoso, 18 de maio de 1948)

O planejamento para a inauguração da escola era desenvolvido. Estava quase no final. Adquiriu em Cuiabá os móveis para a escola e, ainda, os bancos para a igreja, ambos com seus recursos próprios.

Os últimos preparativos se sucedem para a esperada inauguração da Escola Rural Santa Claudina. Os convites saíram no dia 8 de junho de 1948 para a solenidade no dia 13.

A anotação da precisa hora de chegada ao Mimoso bem caracteriza a pontualidade de suas ações.

Tudo pronto:

Aqui chegamos ontem às 19 horas e 20 minutos, após vários tropeços de viagem.

Esqueci aí, em tua casa, a muda da bananeira Maranhão que o Peró solicitamente me levou pessoalmente, com as necessárias recomendações sobre o modo de cuidá-la.

O Álvaro ontem, pelo chauffeur do carro que nos levou ao Aricá, recomendou ao Benjamin procurá-la em tua casa e remetê-la hoje pelo caminhão que traz a mobília da Escola e os bancos da Igreja.

[...]

Tivemos a surpresa de ver a possibilidade de tráfego no pantanal por qualquer automóvel. A sêca se pronuncia e os atoleiros diminuem.

Vamos hoje iniciar os trabalhos de manutenção da Escola para termos tudo pronto no domingo. [...]

Prepararemos tudo para que na 2^a f.^a²⁵ venhas conosco – É lamentável que D. Alina não possa vir antes ajudar D. Oacy, que ficará abarbada²⁶ com tanta atrapalhação própria de dia como êsse que o Mimoso vai ter.

Até breve – Abraços – Velho parente –

Cândido Mariano.

(Carta: Mimoso, 10 de junho de 1948)

O sonho filial de Rondon se tornou realidade. Eis o convite oficial para a inauguração da Escola Rural Santa Claudina, no Mimoso, a sua escola – a escola dos mimoseanos.

Nesse convite feito pelo próprio general, ele bem retrata a sua formação cívico-patriótica e os princípios de respeito aos preceitos religiosos e costumes da sociedade.

Inauguração da Escola Rural “Santa Claudina”.

C O N V I T E

O General Cândido Mariano da Silva Rondon tem a honra e a satisfação de convidar a seus conterrâneos e amigos para assistirem a 13 do corrente as solenidades e os festejos a se realizarem em Mimoso consoante o programa anexo com a presença do Exmo. Snr. Governador do Estado de Mato Grosso.

Cuiabá, 8 de Junho de 1948.

General Cândido Mariano da Silva Rondon.

ESCOLA RURAL “SANTA CLAUDINA”

Inauguração em 13 de Junho de 1948, data da Gloriosa Retomada de Corumbá, em comemoração da defêsa da Unidade Territorial de Mato Grosso e festejos de Santo Antônio, Padroeiro do Município de Leverger e da Secular Sesmaria do Mimoso.

P R O G R A M A

INAUGURAÇÃO DA ESCOLA RURAL “SANTA CLAUDINA”.
Erigida em honra dos antepassados e da terra do Mimoso no chão

25 Segunda-feira.

26 Sobrecarregada de serviço.

do Nascimento do Doador, General Cândido Mariano da Silva Rondon, construída com a decisiva assistência dos Governos do Brasil e do Estado de Mato-Grosso.

9 horas – 1ª PARTE – Festa Religiosa

Missa Campal, frente à Capelinha Santo Antonio de Padua, padroeiro do Município e da Sesmaria do Mimoso. Predica religiosa.

10 horas – 2ª PARTE – Festa Cívica.

I – Hino Nacional - Hasteamento solene da Bandeira Nacional – Abertura da Cerimônia – Discurso do Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo.

II – Histórico de um Oficial do Exército Brasileiro, devotado à Família, ao Brasil e à Humanidade – relato sintético histórico e autobiográfico, pelo General Rondon.

IV – 13 horas – Churrasco ao ar livre.

- 3ª PARTE –

15 horas – Festejos típicos, em honra de Santo Antônio, pelo povo do Mimoso.

a) O Laço – a pé e a cavalo

b) Domação de poldros

c) Carreiras a pé e a cavalo.

- 4ª PARTE –

19 horas – Comemoração especial dos gloriosos feitos de 13 de Junho.

Conferência pelo General Rondon

20 horas – Declamação de poesia “Retomado de Corumbá”, pelo autor, Bel Ulysses Cuiabano, Diretor do Departamento de Educação e Cultura.

- 5ª PARTE –

22 horas – Convivência social dos habitantes do Mimoso. Baile e encerramento.

As palavras elogiosas e eloquentes da homenagem de Rondon à Escola Rural Santa Claudina expressam uma das mais belas manifestações de amor filial e sentimental, dignas de atenta leitura e profunda reflexão (VIVEIROS, 1958, p. 622-625):

Do programa de “fazer a felicidade de meus irmãos do Mimoso” constava a fundação de uma escola.

Não me fora, desde logo, possível realizar esse sonho, porque para isso me faltavam recursos. É que nunca aceitara qualquer remuneração ou prêmio pelas comissões que exerci, limitando-me aos vencimentos do oficial do exército.

Mas a Comissão de Letícia proporcionar-me-ia os meios de prover o Mimoso da tão sonhada escola, cuja fundação seria, ao mesmo tempo, piedosa homenagem à minha Mãe.

É que, como General em exercício de funções oficiais no estrangeiro, deveriam ser meus vencimentos pagos em ouro, o que elevaria ao quádruplo. Não cogitara eu disso e só no regresso é que o oficial-contador propôs que eu recebesse a diferença, de acordo com o artigo 19 e seus parágrafos do Código de Vencimentos dos Militares.

Levei, entretanto, o escrúpulo ao ponto de endereçar uma consulta ao Ministério da Guerra, sobre o assunto, e este despachou com sua própria letra: “Requeira que seu direito é líquido”.

Com enérgica e rápida decisão pus mãos à obra, para a fundação da Escola, recusando subvenção governamental que me foi oferecida. Do concurso oficial aceitei apenas o do engenheiro diretor das obras de Cuiabá, posto à minha disposição para dirigir a construção.

Comuniquei ao governador de Mato Grosso, ao passar para o Mimoso:

-- Não é, desta vez, apenas uma visita ao meu rincão natal. Vim realizar uma aspiração de minha mocidade – fundar uma escola no local em que minha Mãe faleceu e eu nasci. Vou lançar a pedra fundamental.

-- Pois eu o acompanharei, General: desejo conhecer o Mimoso e nenhuma oportunidade melhor do que esta que me proporciona o prazer de sua companhia.

Aceitei jubiloso a delicada distinção. Foi, assim, luzida comitiva a que seguiu para o Mimoso, tendo-se-lhe incorporado o Ministro da Agricultura, Dr. Fernando Costa, e o Rev. Frei Leitz.

A uma légua de distância do Mimoso vieram-nos ao encontro 70 cavaleiros, formando guarda de honra ao carro governamental em que eu viajava.

Mimoso se engalanara, Todos, em trajes festivos, estavam presentes – desde as criancinhas que abriam grandes olhos curiosos e admirados, até aos anciãos de mãos trêmulas e passos tardos.

Pela primeira vez recebia aquele incomparável “Jardim da Natureza” a visita do governador do Estado – embora lá já tivesse ido em minha companhia um presidente, o de São Paulo, Dr. Altino Arantes, trocando primorosos discursos com D. Aquino, encantado com aquela vida simples, saboreando, logo cedo, no curral, o leite que tio Marcelino tirava para ele.

O local da escola seria o do humilde rancho de palha onde nasci em 1865, perfeitamente demarcado por uma pitombeira que ali fora plantada e que vicejava, exuberante...²⁷ Mandara eu exumar os restos de minha Mãe e aí sepultar as sagradas relíquias.

Pronunciei, então, as seguintes palavras:

“Minha santa Mãe,

Para mim não morreste.”

Quando compreendi as doçuras da educação moral que não pude receber – porque só a Mãe pode presidir o conjunto dessa educação – comecei a te sentir na saudade que me invadia a alma, embora não tivesse tido a ventura de te conhecer e de receber teus carinhos.

Nessa saudade ressuscitaste, reviveste no coração de teu filho e no daquela que se tornou tua filha pelo Sacramento que o grande São Paulo instituiu na Igreja Católica.

27 Com reticências no original.

Num preito de amor filial, de joelhos, aqui estamos, teu filho e sua angélica Esposa – esta subjetivamente. Estás viva, em nosso amor e em nossa saudade, e viverás também nas criancinhas desta escola cuja criação tua sagrada memória inspirou a teu filho.

Bem verdade é que “nada há de real no mundo senão amar”.

Ao chegarmos, falou, em nome do povo do Mimoso Frei Leitz. Expressou a emoção de que se achavam todos possuídos, pela honra da visita do governador do Estado e pelo justo orgulho de ter Mimoso um grande filho que não era apenas um grande mimoseano, era mais ainda do que um grande brasileiro, porque era um grande Homem, com H maiúsculo.

No dia seguinte, 8 de agosto de 1947, depois da missa campal, em frente à moderna capelinha da povoação, dirigimo-nos todos para o local onde se realizaria a cerimônia, iniciada pela leitura da ata.

Seguiu-se alegre a festa. O Comandante da Região de Campo Grande mandara, para a abrilhantar, a banda de música do 16º batalhão e, não contente com isso, providenciara para que o baile, que deveria encerrar as festividades, fosse iluminado a luz elétrica.

A 13 de junho de 1948 era inaugurada a Escola Santa Claudina, com a presença do governador do Estado.

Meu discurso foi um resumo de minha vida – era como se eu prestasse contas a minha santa mãe dos dons que dela recebera e a meu venerado Pai de como cumprira o seu voto de bem servir a nossa Terra.

Nos meus agradecimentos a todos os que cooperaram para a realização de meu sonho – desde o Engenheiro que dirigiu as obras ao mais humilde trabalhador – não esqueci os índios: o bororo Virgílio Comerire e sua mulher Emilia Tareguede, descendentes da tribo Chacoroíge, que prestaram esforçado concurso, desde o lançamento da pedra fundamental; dois bororos do Posto Indígena General Carneiro, que acompanharam o Boemejera Tagaiá, vulgo Capitão Cadete, na visita que me veio fazer, em Mimoso, prestaram também preciosa cooperação, nos dias em que o Boemejera permaneceu no Mimoso, em visita oficial.

Guardando o nome de Escola Rural Santa Claudina, não pode ser ela escola rural, pois a primeira matrícula foi de 150 alunos. Eram, assim, necessárias três professoras e uma diretora. A escola rural tornar-se-ia “Escolas Reunidas”.

Comuniquei a fundação da Escola Rural Santa Claudina ao Dr. Daniel de Carvalho, Ministro da Agricultura, e este promoveu imediatamente a fundação do Clube Agrícola General Rondon, anexo à Escola, sendo o marido da diretora desta nomeado presidente do Clube.

É inútil dizer o zelo com que providencio para que folhetos e material não falem ao Clube, onde os alunos aprendem a amar e cultivar a terra.

Nesta transcrição encontra-se o qualitativo de mecenas, pois o próprio Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon atesta a aplicação dos seus próprios recursos financeiros obtidos pelos ingentes trabalhos em Letícia na construção da Escola Santa Claudina em seu torrão natal, o Mimoso.

A TÍTULO DE (IN) CONCLUSÃO

Esther de Viveiros, em sua grandiosa obra “*Rondon conta a sua vida*”, teve por base uma expressiva série de depoimentos oferecidos pelo próprio Rondon. A contribuição do presente artigo, escrito a partir das correspondências de Cândido Mariano com o telegrafista Odorico Tocantins, complementa e atualiza o discurso de Rondon.

As cartas endereçadas ao amigo Tocantins formam um discurso pronunciado na época de sua escrita, daí sua relevância, pois exprime e revela os sentimentos vivenciados.

Os conteúdos das cartas foram reproduzidos para buscar o verdadeiro sentido do altruísmo, do amor ao próximo, da filantropia para com a comunidade da sua terra natal, o Mimoso, ao lado do mecenato haja vista a aplicabilidade de seus próprios recursos financeiros na construção da Escola Rural Santa Claudina, especificamente no distrito do Mimoso, repetindo, a sua terra natal para beneficiar a sociedade mimoseana.

Aliás, foi apresentado o depoimento do Marechal Rondon sobre a precitada escola e sobre a aplicabilidade do numerário havido por sua missão em Letícia.

Ainda assim esta obra se acha inconclusa, mas abre caminhos para novas erudições tanto com a obra pela qual “Rondon conta sua vida” a Esther de Viveiros, quanto com a coetânea das “*Cartas do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon: relíquias do Telegrafista Tocantins*”.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA. *Antigo Testamento, Novo Testamento*. Coord. ger. Ludovico Garmus. Intr. ger. Carlos Mesters. 45. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- BRASIL. Constituição (1946) *Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 18 de setembro de 1946*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acessado em: 30 jun. 2016.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946. *Lei Orgânica do Ensino Primário*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949>. Acesso em: 30 jun. 2016.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. *Lei Orgânica do Ensino Normal*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949>. Acesso em: 30 jun. 2016.
- ECHEVERRIA, Ivan; TOCANTINS, Aecim. *Cartas do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon: Relíquias do Telegrafista Tocantins*. Cuiabá: KCM, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Conforme a nova ortografia. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- GARCIA, Maria Lygia de Borges.... *e também conto o que me contaram*. Cuiabá: Atalaia, 2000.
- GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- HERKENHOFF, João Baptista. *Dilemas da Educação: dos apelos populares à Constituição*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989. (Coleção Educação Contemporânea).
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 24 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SÁ, Nicanor Palhares; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Orgs.). *Palácios da Instrução: institucionalização dos grupos escolares em Mato Grosso (1910-1927)*. Rosinete Maria dos Reis; Nicanor Palhares Sá. Cuiabá, Central do Texto; EdUFMT, 2006. (Coletânea: Educação & Memória, v. 2).
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- VIVEIROS, Esther. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: São José, 1958.

